

UMA LEITURA DELEUZIANA DA FILOSOFIA DE DAVID HUME.

Felipe Ribeiro Siqueira

Doutorando em filosofia (UERJ)
felipefilosoforj@gmail.com

Resumo:

O objetivo deste artigo é apresentar os principais problemas desenvolvidos por Gilles Deleuze como leitor da filosofia de David Hume. A tese deleuziana que irá nortear nosso percurso será a de que as relações são exteriores aos seus termos.

A nossa proposta de trabalho tem como objetivo fazer uma leitura deleuziana da filosofia de David Hume. Para Deleuze, a tradição filosófica encarcerou o empirismo como uma corrente filosófica que se opõe ao racionalismo, ao inatismo e ao idealismo afirmando assim que todo conhecimento é adquirido na experiência sensível. A mente seria uma espécie de tábula rasa, uma folha de papel em branco e à medida que teríamos contato com o mundo exterior, iríamos a preenchendo. Enrabar um autor para Deleuze é no sentido antropofágico. Não devorar no sentido gastronômico e sim por afeto. Devorar, fazer digestão e vomitar de forma diferente. Surfar com o autor pegando com ele a onda sem origem e fim, voar com o autor pegando o vento sem origem e fim. Foi exatamente o que Deleuze fez com Hume. Devora-o, o ruma e o devolve em forma de vômito para o mundo com todas as suas

forças indiscerníveis! Nesse sentido, para Deleuze, o empirismo de Hume tem muito mais a nos oferecer.

No artigo intitulado *Hume*, Deleuze nos traz duas novas imagens para o empirismo. A primeira é como uma filosofia de inquérito. A palavra *Enquiry*, que podemos traduzir como inquérito e investigação, aparece constantemente na obra de Hume. Inclusive no título de duas de suas obras, *Investigação sobre o entendimento humano* e *Investigação sobre os princípios da moral*. Para Deleuze, a palavra *Enquiry*, em Hume, nos convida a pensar a filosofia como um romance policial onde *os conceitos devem intervir, com uma zona de presença para resolver uma situação local*. Muda-se a pergunta filosófica. Ao invés de perguntarmos *o que é?* e *quem conhece?*, com o inquérito humiano perguntamos *o que aconteceu?* e *como é possível?* A segunda nova imagem que o empirismo de Hume traz, para Deleuze, é da filosofia como uma espécie de universo de ficção científica. Deleuze sente a potência com que Hume afirma no *Tratado* que o homem é uma espécie inventiva. Já no prólogo de *Diferença e repetição*, Deleuze afirma que "(...) o empirismo empreende a mais louca criação de conceitos, uma criação jamais vista ou ouvida. (...) o empirismo trata o conceito como o objeto de um encontro. Só o empirista pode dizer que os conceitos são as próprias coisas, mas as coisas em estado livre e selvagem." A tese central de Deleuze para esta imagem ficcional do empirismo de Hume é de que *as relações são exteriores aos seus termos*. Duas serão as linhas de frente trabalhadas por Deleuze para o desenvolvimento desta tese, atomismo e associacionismo. Para Deleuze, sentir o empirismo de Hume é sentir um nevoeiro de fortes tensões. Ao investigar a realidade sensível, Hume se depara com um universo caótico, desviante e dissonante. Nas *Investigações sobre o entendimento humano* detectamos a dificuldade que ele tem para tentar conceituar o nosso primeiro contato com a realidade sensível. Hume chamará de impressões de sensação. Perceber é ter impressões ou ideias. A diferença

entre estas duas espécies de percepção é de grau e não de natureza. A intensidade com que estas percepções chegam ao espírito é que irá definir a qual espécie elas irão pertencer. As mais fortes serão chamadas impressões e as mais fracas ideias. O primeiro contato será chamado de impressões de sensação. A ideia será uma cópia (imagem) das impressões de sensação. O atomismo se dá na natureza com suas impressões simples. Cor, cheiro, luz... Nela, o mecanismo de funcionamento é a regularidade. Entretanto a possibilidade da não regularidade não será contraditória, pois, na natureza, segundo a terminologia humiana, temos questões de fato onde o princípio é a contingência. O espírito ao contemplar (perceber) a natureza e sua regularidade, retém estas impressões simples (de sensação) e as junta, faz a fusão influenciado pelos princípios de associação. As relações ou associações serão produzidas pelos princípios de semelhança, contiguidade no tempo e no espaço e causalidade. O mundo caótico do atomismo da natureza e das impressões de sensação será filtrado pelos princípios. A função dos princípios será a de controlar a passagem deste mundo caótico das impressões de sensação, liberando apenas o necessário para viver. Assim, o espírito produzirá ficções e artifícios. A vida só será possível através desta filtragem. Experimentar este mundo caótico sem a filtragem dos princípios de associação seria cairmos em um aturdimento. O território deste circuito será a imaginação. Ela será apenas o local por onde as ideias serão fundidas com influência da regularidade da natureza (hábito) e pelos princípios de associação. O espírito contempla, retém, muda e devolve. Contempla a natureza, retém as sensações, produz na imaginação novas impressões e as devolve para a natureza. Esta devolução será chamada de impressões de reflexão, de ressonância, ou paixões. Ao contemplar a natureza, no espírito será fundado o tempo. Deleuze afirmará que com o problema das relações, Hume traz para a filosofia a chamada primeira síntese do tempo. O passado será o presente retido (captura das impressões de

sensação) e o futuro será o presente antecipado (devolução das impressões de sensação em forma de paixões).

Hume é o filósofo do intermezzo, do meio. Nesta linhagem há uma aliança com a conjunção "e" e não com o verbo "ser". A conjunção "e", conjunção aditiva, conjunção do movimento intenso, rasga e mutila o verbo "ser", a raiz, a essência, a permanência, a representação. A conjunção "e" é um princípio sinestésico de conectividade dos afetos. O *Tratado da natureza humana* é uma obra para denunciar que não há uma natureza humana. A chamada Ciência da natureza humana ou ciência do homem é uma *ficciologia*. É uma ciência das ficções. Só há efeitos, imanência, experimentação, acontecimento, multiplicidade e devir! Aqui emerge uma pergunta empirista: como é possível da força caótica das impressões de sensação, conseguirmos produzir beleza?

A intensidade com que as impressões de sensação invadem o corpo faz com que o mesmo estabeleça a mais bela aliança com a imaginação e alcance uma dimensão rítmica em que o tempo entra em transdução com o cosmos. A musicalidade do empirismo tem no afeto o princípio que ativa essas forças caóticas. Assim, seu andamento perfurando tímpanos, mergulhando nas profundezas do som e buscando o menos que o mínimo de cada nota com seus devires desviantes trazem paisagens melódicas, espirais do tempo, dobras da vida, um porvir subterrâneo, contrapontos infectados de funções táteis e ópticas. Serpentes que rastejam sobre os orgasmos da terra e águias que sobrevoam retinas montanhosas. O empirismo é melodia que faz tocar e ver.

Hume introduz o conceito de imagem-prisma. A impressão de sensação que incide no corpo é refratada em ideia. A ideia ganha status de elemento óptico. A ideia ou a imagem-prisma, fragmenta o feixe de luz da impressão de sensação em componentes variados. A luz, ao mudar entre um meio e outro, altera a velocidade da impressão de sensação. Como resultado seu caminho é

refratado e parte de si é refletida. Os raios de luz e os índices de refração dos dois meios determinam o quanto da luz é refletida e o quanto o caminho é refratado. O índice de refração dos meios variam de acordo com a intensidade da luz devido à dispersão, fazendo com que a luz seja separada quando refratada. Assim, por refração, o espírito faz emanar as paixões. Este circuito é um assombro para o entendimento, pois produz esperança e medo. É a mais singela flutuação da incerteza. Não havendo estabilidade, as impressões de sensação provocam no entendimento tremuras, vibrações, pontos de atrito ou pontos de fricção.

O contágio das paixões é pela simpatia. A simpatia é um princípio que ativa a comunicabilidade dos afetos. Facilita a passagem do circuito do caos no espírito. O caos e o espírito com toda sua sinestesia delirante entram num processo de simbiose. É preciso excitar, estimular a imaginação para que possamos dilatar, estender, os princípios e só assim deixar passar o caos, mesmo que filtrado. O problema é o bloqueio total do caos, é sua anulação, sua aniquilação ou sua penetração por completo. Com a dilatação dos princípios, o espírito se torna fantasia.

O entendimento torna-se dilacerado, mutilado pela violência da intensidade das impressões de sensação. Abrem-se uma fenda, uma rachadura. O retorno do caos para a realidade sensível será regido pela orquestra da diferença. É a repetição da diferença! Os princípios de associação, sendo fixos no espírito controlam a passagem do caos. Mas, a natureza do espírito é imaginação e delírio. O caos é auxiliado pela imaginação, não que a imaginação faz a passagem e sim é nela que ocorre a passagem. Com as impressões de sensação somos tomados por forças estranhas! Luz, sombra e movimento! Livre acesso ao caos! Produção de efeitos de luz, sombra e movimento para fazer com que acreditemos em sua legitimidade! Os princípios de associação são formas fixas no espírito para que não possamos cair na destruição. A

imaginação tende ao caos e os princípios afirmam "passem, mas só suas ressonâncias". A memória como arquivo deste caos faz a filtragem. Aliança de forças! A devolução destas forças para a vida é em forma de espirais. A imaginação é o refúgio do caos. A imaginação é o beco, é a viela do caos. Criamos a beleza, pois nos envolvemos com o caos. Os princípios de associação tentam estabelecer unidade ao caos. Dos princípios, o que estabelece ficções mais fortes é o da causalidade. O problema é "qual a força das tuas ficções para produzir uma crença em meu espírito de que esta ideia seja necessária e universal?".

O artista tem a percepção apurada, dilatada e consegue capturar da vida seus átomos de beleza. O artista é um atomista dos afetos. Atomismo estético!

O artista devolve para o mundo exterior as impressões de sensação em forma de afetos, em forma de paixões. O artista é um pintor dos afetos e aquele contato jamais ocorrerá novamente. Aquele frenesi, aquele êxtase jamais ocorrerá novamente! Mas para comportar e/ou tentar comunicar em forma de fragmentos ou cacos de beleza, ele cria! Hume dirá nas *Investigações acerca do entendimento humano* que a mais forte ideia jamais substituirá a mais fraca impressão de sensação. A reação do espírito a essa transdução são as paixões. A beleza é paixão! A beleza é saudade! Arte é reencontro! Arte é saudade! Saudade da sensação de prazer. Arte é comunicabilidade da beleza! O artista é carteiro da beleza! Arte é agenciamento!

A beleza é a comunhão do espírito com a vida. Uma paixão irá seqüenciar a outra através de flutuações. Neste circuito, a beleza está no campo harmônico da alegria e da coragem. Para produzir beleza é preciso coragem! A fragrância da beleza produzirá novos feixes de luz, novas imagens-prisma. Ela não permanece só na emoção que provoca. Ela eleva o espírito ao desejo do amor. A transfusão da beleza no amor ocorre em singelas modulações em seu

campo harmônico. A ventania-Hume apaga as velas, mas aviva as fogueiras da beleza!

Da intensidade das paixões, teremos regras que irão se estender, se estabelecer e legitimar ficções e artifícios, no entanto se houver algum modo de detectar que estas ficções venham a sucumbir e a engessar a vida, será necessário criar outras regras, que terão a finalidade de serem corretivas, de substituir as ficções anteriores e instaurar novas. A arte nos orientará neste circuito.

Tendo a arte como aliada, a palavra de ordem do empirismo é agenciamento e conseqüentemente surgirá uma nova imagem do homem como uma espécie inventiva.

Em *10.000 a.C. – A geologia da moral: Quem a terra pensa que É?*, Deleuze evoca Hume não para pensar as ficções do espírito e sim para pensar os artifícios da terra. É a aliança geologia-filosofia. A terra também é inventiva. A terra não pára de se desterritorializar. Nenhum estrato permanece. Deleuze cita o personagem professor Challenger do escritor Conan Doyle. Relata um episódio em que Challenger faz uma conferência sobre uma disciplina rizomática que tinha acabado de inventar. Esta disciplina pensa a passagem que a terra faz do atomismo ao associacionismo. Entretanto as associações que a terra faz não possuem princípios de filtragem do caos tal como a espécie humana tem. Na terra toda força da violência do caos passa numa das mais aterrorizantes casuístas. Estamos entregues ao caos dirá empirismo! O pensamento não esperou a espécie humana para se manifestar! O empirismo da terra é de uma força inventiva incontrolável! A terra pensa e seu pensamento é tectônico! Os diastrofismos são forças oriundas da terra, que através das pressões violentas dos seus movimentos orogenéticos e epirogenéticos, modificam o código genético do pensamento da terra, criando fissuras, fendas,

rachaduras, bifurcações e dobras em qualquer tentativa de aniquilar, sucumbir, bloquear, entupir suas artérias.

O núcleo terrestre é infectado de magma. A terra acumulou tensões por um longo período de tempo, provocando rupturas e formações de fraturas. Não há mais um hipocentros! A heterogeneidade do pensamento da terra fez da superfície um epicentro de afetos! Por mais que possa haver, ainda, tentativas de recristalização, a intensidade das explosões magmáticas as desertificarão.

Sabemos que possuímos uma era aquática e que a crosta granítica suporta a força erosiva dos oceanos. De composição leve e espectral, a fúria das águas anuncia grandes transformações. É preciso entrarmos em conexões tombolísticas com os oceanos para que possamos suportar o calor produzido pelas forças erosivas das fissuras vulcânicas submersas.

Talvez, tenhamos que inventar novas formas de respiração e entrarmos em simbiose com os estromatólitos, organismos primitivos, que só viviam na luz do sol a enchiam a atmosfera de oxigênio. São bilhões de anos de oxigenação sob os efeitos dos estromatólitos.

As montanhas, os morros, as cordilheiras, as depressões e todo o processo de formação do relevo que tem como provocador o choque das placas tectônicas são invaginações da terra. Dobras oriundas dos choques. Do resultado dessas colisões surgirão novos Himalaias. O grito da Terra ecoa do caos capturando forças intensas do vulcanismo da vida! A tectonia do pensamento produz magmas cheios de diamantes na superfície!

Navegar pelas ondas das núpcias do caos às belezas atmosféricas da devastação da tectonia do pensamento é se entregar às tempestades dos afetos!

Referências bibliográficas:

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. Trad. de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. **Cinema I: A imagem-movimento**. Trad. de Stella Senra. São Paulo; Editora Brasiliense, 1985.

_____. **Diferença e Repetição**. Trad. de Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro; Graal, 1988.

_____. e CRESSON, A. **David Hume, as vie, son oeuvre, avec un exposé de as philosophie**. Paris: P.U.F., 1952.

_____. e PARNET, C. **Diálogos**. Trad. de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

_____. **Ilha Deserta e outros textos**. Trad. de Hélio Rebello Cardoso Junior. São Paulo: Iluminuras, 2006 .p.29-32.

HUME, David. **Ensaio Morais, Políticos e Literários**. Trad. de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2004.

_____. **Tratado da Natureza Humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais**. Trad. de Déborah Danowski. São Paulo: Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado, 2001.

_____. **Resumo de Um Tratado da Natureza Humana.** Trad. de Rachel Gutiérrez e José Sotero Caio. Porto Alegre: Editora Paraula, 1995.

_____. **Uma Investigação sobre o Entendimento Humano.** Trad. de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. **Uma Investigação sobre os Princípios da Moral.** Trad. de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. **Tratados Filosóficos II – Dissertação sobre as Paixões e Investigação sobre os Princípios da Moral.** Traduções de João Paulo Monteiro e Pedro Galvão. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

_____. **História natural da religião.** Trad. de Jaimir Conte. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **Diálogos sobre a religião natural.** Trad. de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Ensaio político.** Trad. de Pedro Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, 2003.